

Fredric Jameson (1934-2024)

EDUARDO ALTHEMAN C. SANTOS* e BRUNA DELLA TORRE**

Fredric Jameson faleceu em 22 de setembro de 2024 em sua casa em Connecticut, nos EUA, aos 90 anos de idade. Membro do conselho internacional de *Crítica Marxista*, seu artigo “Reificação e utopia na cultura de massa” apareceu já no primeiro número da revista, em 1994. Escritor e professor prolífico que era, continuava a lecionar e a escrever quando de sua morte. Professor no Departamento de Literatura na Universidade de Duke, na Carolina do Norte, seu curso “Estética – de Kant a Barthes” estava planejado para o outono de 2024. Embora tenha partido ainda no nono mês de 2024, trabalhou em dois livros no mesmo ano: *Inventions of a Present*, um conjunto de ensaios dedicado ao romance em sua crise da globalização e publicado em maio; e *The Years of Theory*, em que se debruçou sobre autores em língua francesa do pós-guerra, de Sartre a Badiou, Beauvoir a Fanon, Foucault a Althusser, lançado postumamente poucas semanas após seu falecimento. Ambos somam-se a um terceiro livro, editado por Octaviano Esanú e publicado em março, baseado nas gravações transcritas do curso de Jameson sobre a *Teoria Estética* de Adorno.

Sua obra é um dos raros eventos na história do marxismo em que a tradição germânica e a francesa encontram-se e, fermentadas conjunta e criticamente na brilhante mente de Jameson, tomam forma notável. Em seus escritos e ensinamentos, as bifurcações e desencontros na rica e complexa história da tradição marxista tornam-se ocaso para recomposições e reconfigurações críticas – nunca paralisia. Jameson ensinou que entre Lukács e Althusser, Adorno e Brecht, Sartre

* Fellow no Käte Hamburger Center for Apocalyptic and Post-Apocalyptic Studies, Universidade de Heidelberg, Alemanha. E-mail: eduardo.altheman@gmail.com.

** Coordenadora Científica do Käte Hamburger Center for Apocalyptic and Post-Apocalyptic Studies, Universidade de Heidelberg, Alemanha. E-mail: bru.dellatorre@gmail.com.

e Benjamin, nem sempre era necessário aderir a apenas um lado; em um método que poderia ser caracterizado como uma espécie de atrito fecundo, mostrou que o mais proveitoso para o marxismo é trabalhar nos interstícios e complementos. O mesmo pode ser dito para outros pares por vezes ainda tomados como dicotômicos: entre base e superestrutura, economia e literatura, política e cultura, Jameson recusava-se a escolher um em detrimento de outro, mostrando que dualismos não pertencem a uma tradição que assume a contradição – não a alternativa – do mundo como seu motor interno.

Completamente avessa a qualquer delimitação disciplinar, sua pena transpõe campos e assuntos. Em sua tese de doutoramento, Jameson escreveu um estudo (hoje clássico) sobre Jean-Paul Sartre, publicado em 1961 como *Sartre: The Origins of a Style*; nos anos 1970, debruçou-se sobre o estruturalismo e o formalismo russo, publicando *The Prison-House of Language*; nos anos 1980, concentrou-se nos estudos sobre o pós-modernismo, que lhe conferiram notoriedade global (*Postmodernism, or, The Cultural Logic of Late Capitalism*, de 1991, foi traduzido para 13 línguas e é até hoje o título mais vendido da história da Duke University Press); nos anos 1990, examinou a obra de T. W. Adorno em *Late Marxism*; na primeira década dos anos 2000, foi a ficção científica que ganhou espaço em *Archaeologies of the Future*; dez anos depois, Jameson publicou três estudos consecutivos, em 2009, 2010 e 2011, um sobre a dialética [*Valences of Dialectic*], outro sobre a *Fenomenologia do Espírito* [*The Hegel Variations*] e um terceiro sobre o livro I d’O Capital [*Representing Capital*]; em 2016, lançou *An American Utopia*, um livro detalhando como seria uma revolução comunista nos EUA dos dias atuais, com a tomada do aparato militar e da estrutura produtiva e distributiva de megacorporações como o Walmart e a Amazon; isso para citar apenas alguns exemplares dentre sua vastíssima obra compilada ao longo de quase setenta anos de escrita. Cada campo do conhecimento e linhagem do marxismo nos quais Jameson intervia, se transformava.

Jameson teve uma influência considerável no Brasil, não apenas como crítico literário, mas no marxismo como um todo. Cerca de um terço de sua obra foi traduzida para o português. *Marxismo e Forma* foi o primeiro, seguido de *Pós-Modernismo*, na década de 1990. No curso dos dez anos seguintes, foram publicados mais sete livros do crítico, como os estudos sobre Adorno e Brecht. No mesmo ano que seu primeiro livro foi traduzido, Jameson começou a ser publicado também pela revista *Novos Estudos Cebrap*, da qual Roberto Schwarz era editor. Aliás, a publicação da obra de Jameson foi parte do movimento da renovação do marxismo brasileiro após a ditadura militar, que se conjuga com a própria história de *Crítica Marxista*.

É notável que a renovação do marxismo nos Estados Unidos tenha encontrado sua expressão mais proeminente no campo da crítica literária e cultural. Talvez seja essa a característica mais relevante do marxismo ocidental como um todo, mas ela se insere de maneira especialmente proeminente na trajetória de Jame-

son, que vale comentar brevemente a partir de um registro histórico. Em 1992, Jameson visitou o Brasil para lançar a tradução de *O inconsciente político* no congresso da Associação Brasileira de Literatura Comparada, e participou de uma conversa com Maria Elisa Cevalco, Paulo Arantes e Roberto Schwarz. O evento foi parcialmente registrado e publicado na coluna assinada por Schwarz na *Folha de São Paulo* (1992), quando os debates que interessavam ainda saíam no jornal e a crítica literária e não literária ainda não estava confinada aos veículos acadêmicos frequentados apenas por especialistas. Nesse debate, Jameson fez alguns comentários raros sobre sua trajetória, para situar sua formação em termos sociais e políticos. Ele se enxergava como um intelectual dos anos 1950, mais que dos anos 1960, da era Eisenhower e do macartismo, que silenciou qualquer discurso de esquerda no país. Para ele, a esquerda estadunidense dos anos 1960 desligara-se da tradição do partido comunista das décadas de 1930 e 1940. Ele se apresentou, então, como uma figura presa entre esses dois momentos – como alguém que se formou como marxista numa espécie de interlúdio político. Ele definiu esses anos como anos de redescoberta do modernismo – de consagração da obra de Ezra Pound, André Gide, Thomas Mann, e assim por diante – e afirmou que, nos Estados Unidos, essa estética modernista, diferentemente do que ocorreu na Europa, era uma espécie de protesto contra uma sociedade empresarial (vale lembrar que se trata aqui dos trinta gloriosos). Ou seja, conforme sugeriu Roberto Schwarz no debate, o modernismo Europeu atuara como uma força de desprovincialização do contexto teórico estadunidense e do próprio marxismo – o que é uma sugestão interessante: uma desprovincialização pelo centro, quase de que de cima para baixo, mas cujo resultado não é meramente a reposição do cânone, mas sua transformação. Aquele modernismo que os americanos julgavam ser apolítico, defendeu Jameson, era na verdade profundamente anti-burguês, porque problematizava a transformação do eu e do mundo. É nesse sentido que afirma: “quando era modernista, pude me desenvolver numa direção política”. Depois disso, a revolução cubana mostrou que o socialismo estava muito próximo dos EUA, uma experiência mais importante que qualquer dado biográfico para o seu interesse pelo marxismo. Um socialismo, ressaltou ele, muito diferente daquele do Leste. Nesse contexto de Guerra Fria, a revolução política e a revolução da forma convergiam em seu interesse pelo marxismo e pela dialética. Esse quadro explica parte de sua obra e seu engajamento com a literatura, assim como o esforço da vida de Jameson de reunir essas duas esquerdas em seu trabalho.

Crítico literário que escrevia para inúmeros jornais e revistas, Jameson era um agitador, um analista militante, um dos grandes teóricos da literatura depois de Georg Lukács. *Marxismo e Forma* (1971); *Fables of Aggression: Wyndham Lewis, the Modernist as Fascist* (1979); *The Political Unconscious: Narrative as a Socially Symbolic Act* (1981); *Brecht and Method* (1998); *The Modernist Papers* (2007); *The Antinomies of Realism* (2013); *The Ancients and the Postmoderns: On the Historicity of Forms* (2015); *Allegory and Ideology* (2019), *The Benjamin*

Files (2020) e *Inventions of a Present* (2024) talvez componham juntos o anúncio de uma estética com ambições globais, com grande poder de desprovincialização. Um impulso mais que necessário hoje, quando as relações de desenvolvimento desigual e combinado na cultura passam a ser percebidas como diferenças principalmente ontológicas e epistemológicas pela voga decolonial.

Jameson assumiu a tarefa de manter o marxismo vivo no final do século XX e início do XXI. Quando a financeirização da economia assumia contornos espiralados, o bloco soviético desmantelava e o mundo se digitalizava, encarou o desafio de teorizar e criticar o pós-modernismo de uma perspectiva dialética e materialista. Longe de tentar reprimi-lo como uma ladainha intelectual, buscou abordá-lo como um desdobramento da própria realidade capitalista que assumia novos traços que se refletiam na configuração social e em suas formas de consciência, que se manifestam estética, artística, teórica, econômica e politicamente. Sua análise manteve vivo o projeto de crítica da cultura da teoria crítica. O modernismo havia sido a base de sua formação e seu estilçamento pelo pós-modernismo, que, nessa chave, ganha ares de contrarrevolução, foi o seu grande tema, na literatura e na filosofia. Em sua análise do pós-modernismo, Jameson realizou também o que poderia ser descrito como a concretização do programa de estética tardia de Lukács, ao reunir diversas formas de expressão artística — romance, artes plásticas, vídeo, cinema, arquitetura, entre outras — para refletir sobre o estado da arte contemporânea. No entanto, foi além de uma abordagem formalista ao conceber uma estética histórica e concreta, que examina a unificação produzida por um estilo, mas também o impacto desse estilo sobre os próprios gêneros artísticos e o estatuto das formas de arte.

Nem todo acadêmico é um intelectual. Jameson era ambos e lutou nas duas frentes. Nos meios acadêmico-universitários (uma das trincheiras em que se enfileira o marxismo desde sua origem, mas especialmente após o colapso das experiências do socialismo realmente existente), lutou a batalha institucional e interveio de modo notório. Podemos apenas especular o que seria do marxismo sem a institucionalização jamesoniana dessa tradição nos departamentos de literatura estadunidenses, um dos pontos de encontro de marxistas à medida que foram — e continuam a ser — expulsos de departamentos de economia, sociologia, ciência política etc., com suas exigências positivistas e cada vez mais fetichizadas em torno dos métodos “mais avançados” de pesquisa disponíveis. É em larga medida pela atuação de Jameson que a literatura nos EUA foi capaz de abrigar marxistas de todas as vertentes como pesquisadores e professores.

Referências bibliográficas

SCHWARZ, R. “A permanência do marxismo.” *Folha de S.Paulo*, caderno Mais!, 22 de agosto de 1992.